



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

GISLAYNE APARECIDA BARBOSA MIRANDA

**GÊNERO MULHER E ENSINO DE GEOGRAFIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA A
PARTIR DO SUBPROJETO DE GEOGRAFIA/PIBID/UEPB**

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

GISLAYNE APARECIDA BARBOSA MIRANDA

**GÊNERO MULHER E ENSINO DE GEOGRAFIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA A
PARTIR DO SUBPROJETO DE GEOGRAFIA/PIBID/UEPB**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Monografia apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Josandra Araújo Barreto de Melo.

**CAMPINA GRANDE-PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M672g Miranda, Gislayne Aparecida Barbosa
Gênero mulher e ensino de geografia: relato de experiência a partir do subprojeto de geografia/PIBID/UEPB [manuscrito] / Gislayne Aparecida Barbosa Miranda. - 2016.
37 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Josandra Araújo Barreto Melo, Departamento de Geografia".

1. Ensino de geografia 2. Gênero 3. Mulher 4. PIBID I.
Título.

21. ed. CDD 910

GISLAYNE APARECIDA BARBOSA MIRANDA

GÊNERO MULHER E ENSINO DE GEOGRAFIA: Relato de experiência a partir do subprojeto de Geografia/PIBID/UEPB

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia apresentado ao curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Aprovada em: 27/10/2016

BANCA EXAMINADORA

Josandra Araújo Barreto de Melo

Prof. Dr. Josandra Araújo Barreto de Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Juliana Nóbrega de Almeida

Prof. Ms. Juliana Nóbrega de Almeida
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Marília Maria Quirino

Prof. Ms. Marília Maria Quirino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico a meu filho José Augusto e aos meus pais:
Valban Augusto de Miranda, Aleksandra Barbosa
Miranda pelo amor e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me guiando nos momentos mais difíceis em minha vida acadêmica, me dando saúde, força e coragem para lutar e chegar à conclusão de um curso superior.

Às pessoas mais importantes em minha vida, *meus pais: Aleksandra e Valban, meu filho: José Augusto, meu esposo: Romoaldo, meus irmãos: Gisleide e Vanderson e meus sobrinhos: Kemilly e Anderson*, as quais são minhas fontes de inspiração, exemplo de caráter e honestidade. Vemos hoje um sonho se concretizando, saibam que essa conquista é coletiva.

A todos os meus avós, avôs, tios e tias por serem tão especiais, e que, de alguma forma, sempre contribuíram para o meu crescimento.

À minha professora, orientadora e amiga, *Josandra Araújo Barreto de Melo*, por todo apoio, confiança, conselhos, desabafos, credibilidade e por ter acreditado em mim, desde a aprovação para o ingresso no PIBID até a orientação no Trabalho de Conclusão de Curso.

À minha querida professora e amiga *Juliana Nóbrega de Almeida*, que sempre tão generosa, me apoiou, e acreditou desde sempre no meu Trabalho, contribuindo essencialmente para a minha formação profissional/pessoal, obrigada por todos os conselhos, energias positivas, incentivos, jamais esquecerei tudo que aprendi com você.

À professora *Marília Maria Quirino*, pelo carinho, credibilidade, confiança e contribuição na minha formação profissional/pessoal.

Aos meus amigos e companheiros *Jéssika, Liberato* que levarei para sempre em minha vida, obrigada por todo apoio, confiança e, principalmente, pela verdadeira amizade que construímos no âmbito acadêmico e que será levada para o resto da minha vida.

Aos meus colegas de curso por terem sido sempre muito carinhosos comigo, e terem acreditado nos meus projetos, em especial aos meus companheiros de PIBID.

Ao apoio concedido mediante o financiamento das bolsas, efetuada pela Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior – CAPES, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID

Finalizo agradecendo a todos que tiveram contato com esse Trabalho, especialmente as geógrafas que, assim como eu, não tem acesso ao conhecimento das Geografias Feministas na grade curricular de nosso curso. Anseio que essa humilde experiência científica contribuía para emancipação humana, no que abrange as opressões que nós mulheres diariamente somos vítimas.

"Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres." (ROSA LUXEMBURGO).

MIRANDA,G.A.B. GÊNERO MULHER E ENSINO DE GEOGRAFIA:RELATO E EXPERIENCIA A PARTIR DO SUBPROJETO DE GEOGRAFIA/PIBID/UEPB.

Monografia(graduação) UEPB, Campus I,CEDUC,DG, Curso de licenciatura em geografia, Campina Grande-PB.2016

RESUMO

Este Trabalho tem como finalidade relatar a experiência vivenciada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência - PIBID, Subprojeto de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. A experiência teve como principal motivação a escassez de conteúdos que realizassem uma reflexão acerca da temática de Gênero no contexto do ensino de Geografia, e sendo delimitada a partir das propostas dos PCNS. Nesta perspectiva, o presente trabalho busca apresentar algumas reflexões discutindo as questões referentes ao Gênero Mulher e suas representações no ensino de Geografia, enfocando a participação das mulheres no mundo do trabalho, investigando a forma como ela foi e continua sendo tratada historicamente, procurando evidenciar sua trajetória e função em diferentes tempos na sociedade, seus papéis e influências na sociedade, propondo uma discussão entre professores e alunos, cabendo ressaltar a necessidade e importância de o professor discutir os temas transversais, interligando a discussão de Gênero Mulher no ensino de Geografia. A pesquisa, de natureza pesquisa-ação, foi realizada numa perspectiva qualitativa, através das intervenções pedagógicas durante as aulas de Geografia, a partir dos conteúdos que possibilitassem introduzir nesse contexto a discussão da referida temática, as intervenções foram feitas por graduandos do curso de Geografia da UEPB, bolsistas do PIBID/CAPES, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, Campina Grande – PB. O projeto foi desenvolvido por etapas, iniciando com a aplicação dos questionários sobre o ensino de Geografia onde se buscou identificar possíveis lacunas no mesmo, logo após introduzimos a temática para os alunos a partir de textos, debates e vídeos, buscando identificar os conhecimentos prévios dos alunos. Na segunda etapa, buscamos realizar uma oficina para a produção de redações instigando a escrita e leituras dos alunos. Nesta mesma etapa, iniciou-se uma produção de cartazes pedagógicos buscando analisar as diversas posições da mulher na sociedade atual. Nesta etapa, notamos a motivação dos alunos em interagir com a temática; na terceira etapa, procuramos promover uma oficina de vídeos com o objetivo de verificar como as mulheres estão inserida no mundo do trabalho. Concluímos o desenvolvimento do projeto com a apresentação da culminância mostrando a importância de discutir a transversalidade entre Gênero Mulher e ensino de Geografia em sala de aula, reconhecendo a importância da figura feminina na sociedade. Os resultados preliminares demonstraram que a experiência obtida através dessa intervenção possibilitou aos alunos do Ensino Médio um melhor aprendizado e compreensão a respeito da inserção das mulheres no mundo do trabalho, ressaltando a sua importância e suas trajetórias na sociedade, mostrando a transversalidade em espaço geográfico e temas transversais, nas quais suas discussões são de extrema importância no mundo contemporâneo complexo e desigual contribuindo, assim, para a formação crítica-social do alunado.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Gênero; Mulher; PIBID.

ABSTRACT

This study aims to report the experience lived in the Geography Subproject of the Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID, of the State University of Paraíba. The experience had as main motivation the scarcity of content that promoted a discussion about Gender theme in geography teaching context, and being bounded from the proposals of the PCNS. In this perspective, this paper aims to present some reflections discussing the issues related to the gender Woman and their representations in the teaching of geography, focusing on the participation of women in the working world, investigating the way it was and continues to be treated historically, seeking to highlight its trajectory and function at different times in society, their role and influence in society, proposing a discussion between teachers and students, emphasizing the need and importance of the teacher to discuss the cross-cutting themes, linking Gender discussion in teaching geography. The research is characterized as an action research and was conducted in a qualitative way, through the pedagogical interventions during Geography classes, from the contents that would enable to introduce this context the discussion of the referred theme. The interventions were made by undergraduation students from the Geography course of UEPB, PIBID /CAPES fellows, in the Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, Campina Grande - PB. The project was developed in stages, starting with the questionnaires on Geography teaching where it sought to identify possible gaps in it, after we introduced the theme for students from texts, discussions and videos, seeking to identify prior knowledge of students; in the second stage, we made a workshop for newsroom production instigating the writing and reading of students. In this step, we started a production of educational posters trying to analyze the various women's positions in society today. At this stage, we noted the motivation of students to interact with the subject; the third stage, we seek to promote a workshop videos in order to see how women are inserted in the working world. We completed the project development with the presentation of the culmination showing the importance of discussing the crosscutting between gender and teaching Geography in the classroom, recognizing the importance of the female figure in society. Preliminary results showed that the experience gained through this intervention allowed the high school students a better learning and understanding about the integration of women into the labor market, emphasizing their importance and their trajectories in society, showing the mainstreaming in geographic space and cross-cutting issues, where their discussions are extremely important in today's complex, unequal world, and thus contributing to the critical-social education of students.

Keywords: Geography teaching; Gender; Woman; PIBID

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Carta da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand	23
Figura 2: Estrutura física da escola e imagem da Fachada da escola Assis Chateaubriand	24
Figura 3: Produção escrita realizada pelos alunos do 3º ano do Ensino Médio	27
Figura 4: Produção de cartazes pedagógicos	28
Figura 5: Discussão de debates na biblioteca da escola	29
Figura 6: Imagens das entrevistadas para a produção da oficina de vídeos	31
Figura 7: Imagens da culminância do projeto	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES: Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior

PIBID: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência

UEPB: Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 Discussão de gênero no ensino de Geografia.....	13
2.2 As mulheres e sua inclusão no mundo do trabalho: Conquistas e desafios	15
2.3 O ensino de Geografia no Brasil: Possibilidades e limitações	17
3. METODOLOGIA	22
3.1 Caracterização da Escola e das turmas participantes.....	22
3.2 Métodos	24
3.2 Técnicas	24
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	334
REFERÊNCIAS.....	345
APÊNDICE.....	367

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi desenvolvido através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID, que tem se revelado uma ação importante, tanto para a formação docente, quanto para a valorização dessa profissão, pois possibilita a inserção dos graduandos no contexto das escolas públicas, nas quais desenvolvem atividades didático-pedagógicas e vivenciam situações reais de ensino, nas quais poderão aplicar os saberes adquiridos na academia. Isso constitui uma verdadeira articulação entre teoria e prática, incentivando a formação de docentes em nível superior para a educação básica, promovendo a integração entre educação superior e educação básica, proporcionando a oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas, práticas docentes e interdisciplinares, que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino e aprendizagem.

Desse modo, a partir de uma experiência vivenciada no Subprojeto de Geografia no âmbito do projeto PIBID/CAPES/UEPB, buscamos relatar e discutir os resultados de uma intervenção pedagógica realizada durante o ano letivo de 2015 em uma escola da rede estadual de ensino, nas aulas de Geografia, em turmas de Ensino Médio, cuja temática discutida teve como foco abordar a questão do Gênero Mulher em sala de aula, particularizando o papel da mulher no mundo do trabalho na cidade de Campina Grande-PB.

A delimitação da temática para esse estudo teve como principal motivação a escassez de materiais didáticos que realizem uma abordagem profunda dos temas transversais, tendo em vista que, ao conhecer o texto dos PCNs e tentar relacioná-lo com o cotidiano escolar, percebemos a distância e a dificuldade existente para se fazer esse elo, fazendo com que os alunos tenham um aprendizado superficial a respeito da atual posição das mulheres no cenário mundial, bem como na busca e conquistas de novos territórios, como explica Passini (2010, p. 38) :

A escolha do conteúdo para ensinar Geografia deve ser feita pensando na responsabilidade da formação do cidadão que precisa entender o mundo. A forma, a transposição didática, utiliza o conhecimento construído e as ferramentas da inteligência de que o aluno dispõe para que ele avance do conhecimento menor para um conhecimento maior. Não é simples como ler uma bula de remédio e aplicar a dosagem por faixa etária. Precisamos entender os mecanismos de construção de conhecimento para o tema a ser trabalhado: quais conceitos e habilidades serão estruturantes para que o aluno consiga passar do conhecimento empírico para o conhecimento científico.

Desta forma, sabendo-se que a escola é um ambiente de vivência onde se produz o conhecimento científico e sendo uma local de desconstrução de preconceitos, como também na colaboração de formação de um cidadão crítico, proporcionamos essa discussão no ensino de Geografia para que os alunos vivenciem situações diversificadas no ambiente escolar e não apenas conteúdos tradicionais, pois esse debate além de estimular a busca de mais informações por parte dos alunos proporciona o aprimoramento dos seus conhecimentos sobre a atual posição social que as mulheres estão inseridas na sociedade contemporânea, contribui ainda para a valorização da classe trabalhadora feminina, como também a não perpetuação da cultura do machismo.

Mostrando para os alunos que pequenas atitudes também são machistas proporcionando, assim, aos alunos um olhar crítico e um alunado consciente, conforme explica os objetivos propostos pelas Orientações Curriculares do Ensino Médio, “[...] orientar a formação de um cidadão no sentido de aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, reconhecendo as contradições e os conflitos existentes no mundo.” (OCEM, 2006, p. 44).

Sendo assim, é de extrema importância reconhecer os diversos conflitos territoriais existentes na sociedade, desta forma a discussão de gênero é fundamental para a construção de um alunado consciente e reflexivo, e a escola deve estar aberta e fornecer auxílio para que o professor insira essa temática em suas aulas, isso porque essa temática deve ser trabalhada em coletivo, já que se trata de algo socialmente e culturalmente complexo, requerendo de muita leitura, visto que são escassos os projetos e textos relacionados a essa abordagem que é de extrema importância no cenário de evolução e da ascensão territoriais das mulheres, colaborando cada dia mais com a construção de uma sociedade justa e igual, que busca promover a conscientização dos alunos do cenário de igualdade de gêneros.

Mediante o exposto, o presente Trabalho tem como principal objetivo relatar a experiência desenvolvida no contexto do subprojeto Geografia/PIBID/UEPB, a partir da abordagem da questão de Gênero Mulher no contexto das aulas de Geografia, em turmas de 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand, buscando introduzir a discussão de Gênero Mulher no ensino de Geografia. Objetiva ainda, analisar a importância e influência da mulher na sociedade, conhecendo a história da inserção da mulher no mundo do trabalho e sua evolução na conquista de direitos; e, por fim, verificar as trajetórias, lutas, preconceitos, conquista e funções das mulheres em diferentes tempos na sociedade, compreendendo assim a importância do empoderamento feminino.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Discussões de gênero no ensino de Geografia

Os temas transversais correspondem a questões importantes e presentes sob a vida cotidiana do aluno, sem pertencer a nenhuma disciplina específica, expressando conceitos na igualdade social e na busca da valorização à cidadania. A transversalidade como se foi intitulado após a sua integração no currículo, busca estabelecer uma discussão mais ampla na contribuição da formação reflexiva e crítica do alunado, constituindo na necessidade de um trabalho mais significativo e expressivo na escola.

Desta forma, sentindo a necessidade de discutir as abordagens de gêneros no ensino de Geografia, tomamos como suporte as orientações propostas pelos conjuntos de temas dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1998, p.25) que inclui “Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual”. Proporcionando aos alunos o questionamento de papéis que são estabelecidos pela sociedade a homens e mulheres promovendo, assim, a inclusão das discussões de gênero no ambiente escolar, como explicam as Diretrizes Curriculares Nacionais (2011, p. 9):

Para que se conquiste a inclusão social, a educação escolar deve fundamentar-se na ética e nos valores da liberdade, justiça social, pluralidade, solidariedade e sustentabilidade, cuja finalidade é o pleno desenvolvimento de seus sujeitos, nas dimensões individual e social de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, compromissados com a transformação social.

Desta forma, vemos a necessidade e a importância da discussão Gênero Mulher na sala de aula e a contribuição que ela oferece na formação consciente dos direitos e deveres dos alunos enquanto cidadãos. Contudo, deve-se estar ciente que, para que se discuta gênero, o professor precisa de argumentos e estar disposto a desconstruir a conceituação imposta pela sociedade, estando ciente de que gênero não é sinônimo de sexo (masculino ou feminino), como explica Garcia (2004, p. 116):

O próprio gênero é hoje objeto de estudo como uma variável entre outras, mais concretamente, como um fato que se constitui em mútua relação com a classe e a etnicidade... A compreensão ampla deste conceito exige-nos pensar não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico, portanto nem dado nem acabado, como uma interpretação biologista colocaria.

Ou seja, gênero corresponde ao conjunto de representações que cada sociedade constrói a partir da identidade adotada por uma pessoa, de acordo com sua psicologia e seu papel na sociedade. Deste modo, fornecemos durante a aplicação do projeto aos alunos no ambiente escolar a condição para a percepção de que as relações de gênero são construções sociais e, como tais, precisam ser analisadas criticamente, a fim de não permitir o equívoco da naturalização de algo que foi e é construído culturalmente pelas sociedades, promovendo o exercício da cidadania a partir da compreensão da realidade dos alunos, contribuindo na transformação dos mesmos enquanto cidadãos. Sobre este aspecto Vesentini (2008, p. 16) afirma que:

Mas a escola não é apenas uma instituição indispensável para a reprodução do sistema. Ela é também um instrumento de libertação. Ela contribui – em maior ou menor escala, dependendo de suas especificidades – para aprimorar ou expandir a cidadania, para desenvolver o raciocínio, a criatividade e o pensamento crítico das pessoas, sem os quais não se constrói qualquer projeto de libertação, individual ou coletivo.

Desta forma, é tarefa do educador não é apenas de transmitir conteúdos, mas de proporcionar uma liberdade intelectual, formar educandos para que estes desempenhem seu papel como verdadeiros cidadãos, despertando no aluno a criatividade para que eles possam acrescentar algo ao mundo em que vivem, cabendo ao corpo docente da escola estabelecer parcerias com entidades de apoio às mulheres, seja trazendo palestras para a escola, ou acolhendo a comunidade escolar para a divulgação de leis, como também incentivando projetos que abordem essa temática, para que essa discussão não seja silenciada. Parafraseando Heilborn e Carrara (2009, p. 106):

A escola muitas vezes é uma instituição normalizadora da era moderna. O/as educadores/as não se dão conta de quão silenciosa, sutil e reiteradamente as masculinidades e as feminilidades são construídas e lapidadas cotidianamente: com gestos, falas, orientações, olhares, jogos, brincadeiras, ocupações de espaços, comportamentos e avaliações.

Desta forma, a escola deve ser um espaço libertador e acolhedor que busque desconstruir preconceitos, primeiramente, dentro de sua instituição, buscando uma reflexão por parte de toda comunidade escolar, possibilitando um desenvolvimento da autoestima e autoconfiança nas alunas e funcionárias que, muitas vezes, presenciam em seu cotidiano diversos tipos de preconceitos e violência. Sendo assim, abordar essa temática é fundamental

e inovadora no ensino de Geografia, trazer essa discussão representa um grande passo na luta por um país mais justo e livre da violência e dos preconceitos, que são frutos da ignorância que teima em se perpetuar na sociedade.

2.2 As mulheres e sua inclusão no mundo do trabalho: Conquistas e desafios

De acordo com o Artigo 113 da Constituição Federal, “ todos são iguais perante a lei, em distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros direito (...) à liberdade, à igualdade”, onde o inciso I deste mesmo artigo aborda que: “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”. Mas será que a realidade é essa mesma?

As mulheres durante os últimos anos vêm evoluindo, e conquistando outros patamares, apesar de não terem alcançado o devido reconhecimento e a igualdade máxima, ficando notório, muitas vezes, a divisão de papéis entre homens e mulheres também existe preconceitos impostas pela sociedade, iniciada muitas vezes dentro da própria casa. Logo, ao nascimento da criança com a diferenciação das cores entre azul e rosa, sendo as crianças criadas e educadas, desde o início da vida, com a separação de sexos, no que envolve brinquedos e brincadeiras.

As meninas são, desde cedo, incentivadas a utilizar brinquedos mais sensíveis e passivos, enquanto os meninos são estimulados a brincadeiras mais competitivas, chegando a utilizar da força física para chegar ao objetivo final da brincadeira, começando a partir daí um estímulo na divisão de papéis em sua vida adulta, onde a menina é incentivada a cuidar da casa e dos filhos, e o homem sendo induzido a ter autoconfiança, força física, sucessivamente o provedor de todo o sustento da família.

Desta forma Beauvoir (1908 - 1986), uma escritora, filósofa, ensaísta e feminista francesa, vêm para desmistificar essa divisão de papéis estabelecida e imposta pela sociedade quando explana que: “Não existe nenhum destino biológico, psicológico ou econômico que determine o papel de que um ser humano desempenha na sociedade. (2000, p.62).

Desde o século XX, as mulheres enfrentavam preconceitos e o primeiro passo dado para a conquista da sua inserção no mundo do trabalho só foi possível a partir da I Guerra Mundial. Esta foi uma conquista muito desejada pelas mulheres (muito embora em pouca escala), proporcionado uma estimulação na busca de novas conquistas, adquirindo força na superação de novos desafios, além do aumento da discussões referente às questões das mulheres que vem, a cada dia mais, ganhando importante relevância, possibilitando assim um

aumento do número de pesquisas que discutem as lutas e inserção das mulheres na sociedade e, consecutivamente, no mundo do trabalho, relatando as dificuldades das mulheres na participação ativa no mundo que ocasionou em uma revolução na sociedade e sobretudo na divisão de papéis em seus lares. Sobre este aspecto, Gomes (2005, p. 4) afirma que:

A inserção da mulher no mercado de trabalho remunerado provocou profundas transformações no mercado e na família, a partir do fenômeno mundial da globalização a presença feminina no mercado de trabalho passou a ter maior destaque em função de alguns fatores que são inerentes à natureza feminina e à visão cultural predominante.

Deste modo, podemos perceber que a inserção das mulheres no mundo do trabalho produziu e produz, cada vez mais, forte impacto na sociedade, implicando uma mudança de “paradigma” familiar e cultural.

A Revolução Industrial foi outro marco mundial extremamente importante para a conquista da entrada das mulheres em outras esferas profissionais, ficando ainda mais viável com o advento da Segunda Guerra Mundial, quando houve a saída dos homens para a participação de combates e as mulheres passaram a ocupar os empregos que antes eram destinados ao sexo masculino iniciando, assim, o questionamento de papéis, direitos e a busca da igualdade social entre homens e mulheres. De acordo com Kanan (2012, p. 245) “Com a industrialização e consolidação do sistema capitalista (...) a mulher passou a questionar sua posição, seu papel, sua identidade e sua suposta fragilidade”.

Neste mesmo pensamento, Gomes (2005, p.6) explica que:

As mulheres passaram a lutar por igualdade entre os sexos em busca da obtenção dos mesmos direitos masculinos. Com o passar do tempo, além da conquista pela igualdade em relação ao trabalho, as mulheres conseguiram também alguns benefícios, como, por exemplo, o divórcio, o direito a matrícula em cursos superiores, a ampliação da licença maternidade, entre outros.

Sendo assim, no decorrer das lutas árduas, as mulheres passaram a conquistar direitos, com a participação de eventos importantes que buscavam a igualdade de acesso ao trabalho e salários iguais para ambos os sexos passando, cada vez mais, a se inserir no mundo de trabalho conseguindo destaque em suas áreas de atuação, resultando na ocupação de posições elevadas, além de adentrar profissões que eram intituladas como um espaço masculino, conquistando o direito ao voto podendo, então, fazer suas próprias escolhas políticas, tendo avanço na criação de leis que protegessem seus direitos, buscando qualificação profissional e ajudando, por fim, ativamente na renda familiar.

Sabemos que ainda há muito que se conquistar, pois ainda percebemos muitos territórios materiais e imateriais a serem conquistados pelas mulheres, como é o caso da cidade de Campina Grande, onde a participação feminina no mundo do trabalho ainda é muito limitada, além do assédio vivenciado pelas mulheres no seu cotidiano, sejam eles dentro dos seus empregos, nas universidades, escolas, transporte coletivo, entre outros setores.

No entanto, apesar de muitas dificuldades e lutas, as mulheres Campinenses vem se destacando e sendo referências de força e superação, juntamente com as entidades de apoio, como é o caso da SEMDH-PB (Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana) e os movimentos sociais em defesa das mulheres que se prontificam a ajudar e acolher mulheres vítimas de violência, preconceitos, além de ser disponibilizar a oferecer palestras no âmbito escolar, falando sobre a importância da discussão de gênero na escola/sala de aula, orientando a comunidade escolar sobre a desconstrução do conceito de gênero, contribuindo também para a conquista do empoderamento feminino “desmistificando” a cultura do machismo.

2.3 O ensino de Geografia no Brasil: Possibilidades e limitações

Muito antes de a Geografia ser institucionalizada enquanto intitulada ciência, os seres humanos já faziam o uso das técnicas geográficas, a partir de suas necessidades e utilizavam das ilustrações em cavernas para o uso de armazenamento de informações, paisagem, localização de fonte de alimentos e de conhecimentos de rotas que possuíam sobre o espaço para sua vivência.

No início do século XIX já se encontrava em suficiente amadurecimento os conhecimentos das dimensões e formas do planeta; as informações sobre as diferentes regiões da superfície terrestre; o aprimoramento das técnicas cartográficas.(FILIZOLA E KOZEL 2009, P.12).

Ou seja, mesmo antes da Geografia ser institucionalizada como ciência os homens já utilizavam como tal e detinham muitos conhecimentos acerca da superfície terrestre, devido às ilustrações. No entanto, só na metade do século XIX, a Geografia passa a ser ciência na Alemanha, com a contribuição dos estudiosos Ritter e Humboldt, e teve no seu desenvolvimento colaborações dos estudiosos Ratzel, e dos franceses Eliséé Reclus e Vidal de La Blache, muito embora cada um com um pensamento distinto, eles foram essenciais para o surgimento da Geografia enquanto ciência e disciplina escolar.

Deste modo, iremos relatar como a disciplina Geográfica chega ao Brasil, a partir de um breve resgate da sua história e dos reflexos sobre o seu ensino, procurando entender a sua configuração em diferentes momentos históricos, apontando as limitações e as possibilidades de superação do ensino de Geografia.

O ensino de Geografia surge no período Colonial, através dos Jesuítas que trouxeram para o Brasil um sistema educacional europeizado, ficando os padres jesuítas encarregados de ministrar as aulas e os planos de estudo que constavam o que os alunos teriam que estudar. Naquele momento, o ensino de Geografia era desvalorizado sem voz e em segundo plano, sendo lecionada em sala de aula a partir de forma interdisciplinar, ou seja, interligadas com outras ciências, conforme explica Pessoa (2007 p. 33):

O papel destinado ao ensino de Geografia nesse período era o de apenas oferecer uma cultura geral aos alunos. Ensinava-se através de um modelo de Geografia pautado na descrição e enumeração de fatos ou coisas alheias a realidade vivida no nosso território.

Só a partir período imperial, no século XIX a Geografia começa a ganhar força, passando a adquirir o título de disciplina autônoma, no entanto a forma de ensino que prevaleceu foi a da uma Geografia descritiva, fazendo parte da corrente do pensamento da Geografia Tradicional, que teve seus fundamentos alicerçados nas ideias positivistas, adotando o método científico desenvolvido através da observação, da descrição e da classificação dos fatos, limitando-se apenas aos aspectos visíveis do estudo.

No ensino da Geografia, essa tendência se consolidou no estudo meramente descritivo das paisagens naturais e humanizadas, sem estabelecer relações entre elas e sem levar em conta o cotidiano dos alunos. Naquele mesmo período, o sentimento de nacionalismo não havia ainda tomado forma nem consistência. Possuíam raríssimos estudos da Geografia do Brasil e os que existiam eram mal escritos, os estudiosos e a população não se dedicavam dar atenção e escrever sobre a sua região e seu território Brasileiro.

No Brasil Republica, é importante recordar que as aulas eram ministradas por advogados, engenheiros e até mesmo médicos, os alunos eram levados a conhecer um vocabulário específico da Geografia, uma Geografia mnemônica e contendo muitas nomenclaturas. É necessário frisar que naquele nesse momento o objetivo central da Geografia era induzir os alunos a adorar a pátria, introduzindo a ideologia do nacionalismo patriótico, ou seja, voltado para a formação de um alunado a quem compete enaltecer o

Estado nas suas atuações territoriais, exaltando as maravilhas do país, elevado os símbolos e os valores patrióticos.

Desta forma, diante do percurso que o ensino de Geografia no Brasil estava tomando, surgem então os processos de renovação da Geografia escolar, o qual viria a transformar a disciplina geográfica descritiva por uma disciplina geográfica dinâmica e crítica, como explica Pessoa (2007, p. 47):

O período supracitado, é para Geografia escolar brasileira de suma importância, posto que, foi no transcorrer desta época que elucidava de forma mais intensa em nossas salas de aula a penetração da Geografia moderna, num nítido processo de mudança nunca visto antes, alterando assim a forma e a estrutura dessa disciplina.

Sendo assim, a Geografia passa por muitas mudanças, muito embora ainda sendo possível encontrar em sala de aula a influência da Geografia Tradicional (descritiva), que aos poucos foi sofrendo mudanças e sua presença nas escolas foi diminuída. Pessoa (2007) atenta para o fato de que nessa luta de melhoria do ensino de Geografia surge um personagem de extrema importância para essa disseminação, sendo ele o professor e escritor, Carlos Miguel Delgado de Carvalho, um cientista político, que sempre se preocupou com a melhoria do ensino de Geografia no Brasil. Rígido e crítico em relação à metodologia decorativa e insatisfeita da forma que as nomenclaturas eram repassadas em sala de aula se empenhou muito em desenvolver novas metodologias de ensino de uma forma mais sólida e consistente, tendo grande participação no desenvolvimento do percurso da Geografia escolar no Brasil, sempre focado em discutir mudanças nas práticas que envolviam o ensino de Geografia.

Foi dentro de um esforço de luta que Delgado de Carvalho, em 1926, organizou o curso livre de Geografia superior, com o objetivo de fornecer aos professores uma orientação atual da Geografia, na busca de melhorias no ensino de Geografia, já que naquela mesma época aumenta o número de escolas normais voltadas à formação de professores no Brasil para atuarem na escola primária. Mas só a partir da década de 1930 a Geografia chega as Universidades e passa a fazer parte do currículo, sendo a Universidade do Estado de São Paulo a pioneira a criar o curso de Geografia, tendo o corpo com forte influência francesa e com tendências tradicionais.

Deste modo, durante todo o percurso da Geografia e sabendo que ela passou por algumas modificações, surge assim às renovações no ensino de Geografia a partir das correntes de pensamento, iniciando com a Geografia teórico-quantitativa, conhecida também como a nova Geografia que surge nos anos 50 do século XX impulsionada pela Segunda

Guerra Mundial, buscando superar os erros da Geografia tradicional, objetivando analisar o espaço utilizando de quantidade, e números, procurando ser sempre objetiva e imparcial, apresentando novos rumos à ciência Geografia. Nesta mesma perspectiva com o intuito de melhorar o ensino de Geografia surge a Geografia Humanística, incluída também no processo de renovação que tem como base os trabalhos realizados por Yi-Fu Tuan, alicerçado, sobretudo na fenomenologia, e procurando sempre valorizar a experiência do indivíduo e do grupo, se preocupando com o sentimento e avaliando a cultura dos grupos sociais a fim de entender seus comportamento e particularidades em relação ao meio.

A mudança no enfoque da Geográfica estava cada vez mais adquirindo entusiasmo e simpatizantes, e em busca de cada vez mais renovação surge a Geografia crítica podendo ser identificada na obra de Yves Lacoste, *A Geografia*: Isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra, publicada em 1976 na qual constam rigorosas críticas à Geografia Clássica. Essa nova Geografia então busca envolver novos temas em conjunto com a sociedade, levar a discussão e debates propondo soluções, buscando formar um cidadão crítico e passando a se envolver com movimentos sociais tratando sempre de forma ordenada e inclusiva.

Logo a(s) Geografia(s) crítica(s) escolar dão importância à realidade do aluno, as suas experiências, a sua condição de vida, aos seus conflitos e interesses produzidos no tempo e no espaço, se preocupa em formar alunos cidadão, ativos e participativos, desenvolvendo neles criticidade, autonomia e criatividade em face aos problemas encontrados no seu cotidiano e no seu espaço de vivência. (PESSOA, 2007, p.67).

A esse respeito e de acordo com a temática, pode-se citar Vesentini (2004, p.228), quando afirma que:

Um ensino crítico da Geografia não se limita a uma renovação do conteúdo – com a incorporação de novos temas/problemas, normalmente ligados às lutas sociais: relações de gênero, ênfase na participação do cidadão/morador e não no planejamento, compreensão das desigualdades e das exclusões, dos direitos sociais (inclusive os do consumidor), da questão ambiental e das lutas ecológicas etc. Ela também implica em valorizar determinadas atitudes – combate aos preconceitos; ênfase na ética, no respeito aos direitos alheios e às diferenças; sociabilidade e inteligência emocional – e habilidades (raciocínio, aplicação/elaboração de conceitos, capacidade de observação e de crítica etc.). E para isso é fundamental uma adoção de novos procedimentos didáticos: não mais apenas ou principalmente a aula expositiva, mas, sim, estudos do meio (isto é, trabalhos fora da sala de aula), dinâmicas de grupo e trabalhos dirigidos, debates, uso de computadores (e suas redes) e outros recursos tecnológicos, preocupações com atividades interdisciplinares e com temas transversais, etc.

Sendo assim, a Geografia Crítica veio para revolucionar o ensino de Geografia e agir de forma positiva sobre ele. Nesta perspectiva, em decorrência do mundo globalizado e da

importância do conhecimento, devemos saber os significados de cada corrente do pensamento geográfico, reconhecendo a importância de cada uma para o desenvolvimento da Geografia.

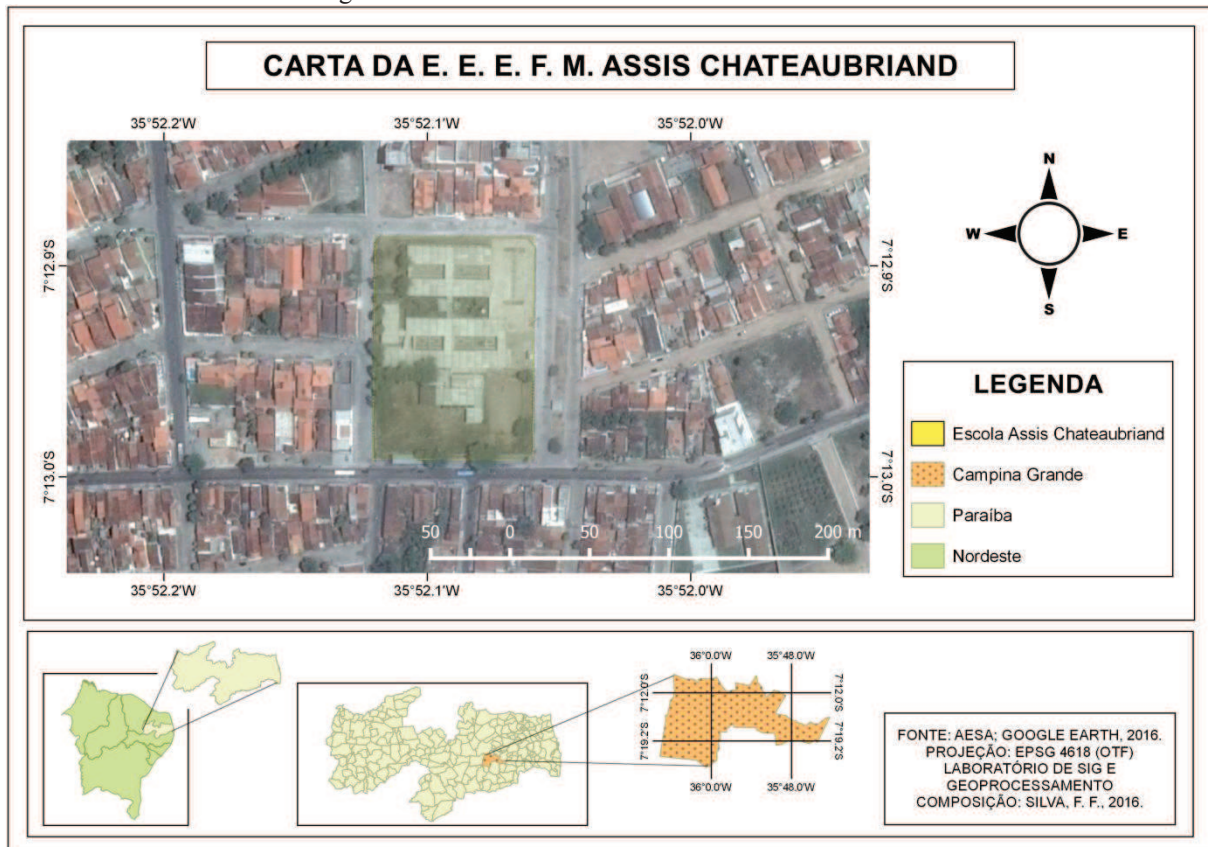
Desta forma, o ensino de Geografia passou por vários processos de mudanças e renovação. Contudo, após muitas lutas ela passa a assumir um enfoque de ensino mais prático e motivador, possibilitando ao aluno inovar a cada dia mais seu conhecimento, procurando sempre trabalhar os conhecimentos geográficos a partir do cotidiano dos alunos e não mais de forma decorativo e tradicional. Como vimos no decorrer desse texto, buscando sempre utilizar os saberes prévios dos alunos como forma de chamar atenção e para a melhoria um aprendizado de forma dinâmica.

3. METODOLOGIA

3.1 Caracterização da Escola e das turmas participantes

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand acolhe os estudantes do ensino Fundamental II e o Médio regular, nos turnos manhã, tarde e EJA no turno da noite, Localiza-se no bairro do Santo Antônio, na zona leste da cidade de Campina Grande, PB, conforme Figura 01:

Figura 1 – Carta da E. E. E. F. M. Assis Chateaubriand



Fonte: Silva, F. F /2016.

A estrutura física da escola se distribui em três pátios, possuindo sala de informática, biblioteca, sala de mídia, contendo uma quadra para os alunos realizarem atividades esportivas, contendo acessos amplos e corredores que dão acesso às salas de aulas. A Figura 02 apresenta a estrutura física da escola e a imagem da fachada.

Figura 2 - Estrutura física da escola e imagem da Fachada da escola Assis Chateaubriand.



Fonte: Sousa, J, M. F /2015

A escola encontra-se na periferia da cidade de Campina Grande, enfrentando problemas singulares como a evasão escolar. Devido à situação socioeconômica da comunidade escolar, podemos ainda presenciar situações precárias de moradias e saneamento básico.

Foi nesse contexto que os bolsistas do PIBID/UEPB, no Subprojeto de Geografia atuaram na aplicação do projeto de intervenção, desenvolvido durante o ano letivo de 2015, que buscava a discussão de Gênero Mulher no ensino de Geografia, a partir da análise da inserção da mulher no mundo do trabalho, na cidade de Campina Grande-PB. Este projeto foi realizado em turma do 3º ano do Ensino Médio.

No decorrer do ano letivo, presenciamos nos alunos características comportamentais próprias, demonstrando dedicação, motivação e se esforçando para realizar todas as atividades

propostas, possibilitando perceber o quanto se sentiam acolhidos e seguros dentro do ambiente escolar, passando a ter um sentimento por aquele lugar.

3.2 Métodos

Este projeto apresenta uma abordagem qualitativa, a partir do método pesquisa-ação, que permite que o pesquisador interfira dentro de uma problemática social, mobilizando com os alunos uma construção de novos saberes, além de possibilitar condições críticas e reflexivas nos alunos sobre as ações expostas no desenvolvimento do projeto e a utilização do método fenomenológico. Esses desdobramentos na Geografia se dão a partir da corrente do pensamento Geografia Humanística, que possibilita a compreensão dos objetos de estudo a partir da interpretação de mundo dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

3.2 Técnicas

Para a execução deste estudo, elaboramos com a professora supervisora um projeto dividido em etapas, verificando alternativas metodológicas que possibilitassem uma melhor explanação do conteúdo, procurando propiciar aos alunos associarem o conteúdo abordado com os acontecimentos do cotidiano. O estudo contou como sua iniciação a partir da aplicação de questionários, visando interpretar as dificuldades que os alunos enfrentam com o ensino de Geografia.

Em seguida, introduzimos a discussão de gênero a partir de debates, analisando o conhecimento prévio dos alunos, além da construção de conceitos com os mesmos.

Em um segundo momento, buscamos discutir os temas transversais tomando como recorte a Mulher e sua importância na sociedade pós-moderna, trazendo para a Geografia a discussão do Gênero Mulher.

Como uma terceira atividade, propomos uma produção escrita sobre a importância da mulher na sociedade contemporânea, mais precisamente na cidade de Campina Grande, com o intuito de aprimorar os conhecimentos dos alunos sobre a temática, além de instigá-los a leitura e escrita. Neste momento também foi proposta uma oficina de confecções de cartazes pedagógicos.

Em seguida, propomos aos alunos a realização de uma oficina direcionada a produção de vídeos, sobre as mulheres que se destacam enquanto profissionais na cidade de Campina

Grande, para que os alunos obtivessem contatos com as histórias e vivências de mulheres que lutaram para se encontrarem em lugares de destaque.

Por fim, como culminância, foi realizada a apresentação do projeto mostrando a importância de discutir a transversalidade entre Gênero Mulher e ensino de Geografia em sala de aula, reconhecendo a importância da figura feminina na sociedade, além das apresentações dos vídeos, cartazes, e exposições de produções textuais produzidos pelos alunos, promovendo um espaço de reflexão e debates para todos os participantes presentes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O desenvolvimento do projeto; Gênero Mulher e suas representações no ensino de Geografia: Enfocando a participação da mulher no mundo do trabalho na cidade de Campina Grande-PB, teve seu início a partir de uma aplicação de questionários, visando identificar, na percepção dos alunos, as possíveis lacunas no ensino de Geografia para, a partir desse parâmetro, procurar dinamizar as aulas desta disciplina escolar.

A ferramenta questionário também foi utilizada para realizar uma sondagem da maturidade dos alunos sobre as temáticas a serem trabalhadas. Em seguida, após fazer uma análise dos mesmos, apresentamos aos alunos o projeto de intervenção a ser desenvolvido com a turma, e iniciou-se a sua aplicação, construindo juntamente aos alunos o conceito de gênero com o auxílio de textos, de forma a introduzir e discutir a temática, fazendo uma sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o projeto.

Juntamente com a introdução da temática do projeto iniciou-se a discussão das categorias Geográficas, dando ênfase para a categoria território, construindo juntamente com os alunos um conceito para essa categoria, e discutindo-a, a partir de duas perspectivas; o território físico sendo distinguido a partir de delimitações visíveis, concreto e material, e o território abstrato a partir de uma visão de delimitação não concreta, invisível, e simbólica.

Ambas se consolidando a partir da expressão de imposição de poder, apresentando portanto aos alunos que o território possui múltiplas escalas, não apenas podendo ser utilizada para fazer referência a delimitação de fronteiras, estados, países, cidades etc. Possibilitou-se então aos alunos entenderem que a categoria território também poderia ser trabalhada aliando a desigualdade entre homem e mulher, onde muitas vezes o homem se acha com total autonomia e poder sobre o controle do corpo da mulher, sua sexualidade, e da sua liberdade, gerando conflito sobre um território que não lhe pertence como no caso dos assédios, da violência sexual, entre outros.

Após proporcionar aos alunos uma familiarização com a temática, e com a categoria território, decidimos juntamente com a professora supervisora darmos continuidade aos conteúdos recomendados pelas propostas curriculares, buscando sempre discutir a transversalidade entre Gênero Mulher com os conteúdos abordados. Na primeira unidade, a proposta curricular seria a discussão do Capitalismo e o cenário geopolítico contemporâneo, (abordando a Primeira e Segunda Guerra Mundial). Esta temática foi de extrema importância

para aplicação do projeto, pois através dela mostramos aos alunos que foi a partir da Primeira e Segunda Guerra Mundial que as mulheres conseguiram adentrar o mundo do trabalho, onde começaram a reivindicar seu espaço na sociedade, na luta da busca de direitos e igualdade. Naquele momento, apresentamos aos alunos informações com o auxílio de vídeos, mostrando como a mulher era tratada nesta época, trazendo para a escala local.

Buscando instigar a escrita e leitura dos alunos, além de proporcionar uma busca por mais informações sobre a temática, propomos aos alunos a realização de uma produção escrita, apresentando a importância da Mulher no mundo do trabalho trazendo para a escala local, como mostra a Figura 03:

Figura 3 - Produção escrita realizada pelos alunos do 3º ano do Ensino Médio



Fonte: Miranda, G, A, B /2015

Nesta produção, os alunos relataram seus pontos de vista a respeito do que foi pedido, relatando as dificuldades enfrentadas pelas mulheres e os desafios a serem vencidos. Nesta mesma etapa, foi realizada com os alunos uma oficina de cartazes pedagógicos (Figura 4), buscando analisar as diversas posições da mulher na sociedade atual, enquanto profissionais, instigando o alunado trazer informações sobre a temática, e, ao fim da produção de cartazes, discutir e explicar o significado de cada cartaz produzido.

Figura 4 - Produção de cartazes pedagógicos.



Fonte: Miranda, G, A, B /2015

Nesta oficina foi possível observar a motivação dos alunos em interagir com a temática, aguçando a curiosidade e o desejo de aprender, já que o uso de cartaz é um meio de comunicação de natureza visual versátil e dinâmica, o qual tem a finalidade de divulgar os diversos tipos de mensagens.

Continuando a proposta curricular, foi dada continuidade a segunda unidade que abordava o conteúdo: O mundo Bipolar e a Guerra Fria. Nesta etapa, após introduzir e discutir a temática, mostrando quais foram os objetivos da guerra e os países afetados, foi proposto aos alunos um seminário sobre a guerra fria, mostrando a influência da guerra sobre outros países, fazendo a relação de como eram vistos antes e como são vistos hoje. Ainda durante a apresentação os alunos iriam trazer uma mulher que se destacou como um sujeito importante durante esse período, ponderando o comportamento das mulheres diante desses cenários, a apresentação de seminários foi feita de forma dinâmica e interativa, o que proporcionou aos alunos a busca de informações, vídeos, fazendo a utilização de cartazes e slides.

Dando continuidade a proposta curricular, iniciou-se a terceira unidade que abordava a Globalização, espaço geográfico, desigualdade e conflitos no mundo atual, este assunto foi bem mais amplo, exigindo mais horas-aulas devido à quantidade de informação.

A partir dos conhecimentos prévios, os alunos aprofundaram suas leituras e argumentações, entendendo a dialética da Globalização. Nesta etapa, como forma de trabalharmos a transversalidade apresentou-se como recorte a Mulher e sua importância na sociedade pós-moderna. Buscou-se trazer informações contemporâneas sobre a mulher no

mundo globalizado, estimulando nos alunos a busca de maiores informações, proporcionando a trazê-los novas concepções e se posicionando contra os preconceitos que as mulheres enfrentam em seu cotidiano. Mostrou-se como a globalização foi importante para que a mulher alcançasse novas esferas da sociedade, e para a disseminação do preconceito de gêneros, que está amalgamada de maneira perversa em uma sociedade machista.

Nesta etapa, foi proposto aos alunos uma discussão sobre a temática da Mulher na globalização, nas quais os alunos trouxeram para a pauta a indignação sobre a desigualdade social que as mulheres enfrentam e a vontade de contribuir para mudar o cenário hostil no qual a mulher ainda é vista no Brasil e no mundo. Desta forma destacar a mulher junto a Globalização possibilitou aos alunos levantar de forma dinâmica reflexões para além dos preconceitos, destacando a contribuição da Geografia nesse processo, conforme apresenta a Figura 05.

Figura 5 - Discussão de debates na biblioteca da escola



Fonte: Miranda, G, A, B/2015.

Todos os debates e atividades apresentadas em sala de aula foram realizadas a partir do contexto de vivência dos alunos, levando em conta todo o seu conhecimento prévio, além de permitir que os mesmos fossem os principais sujeitos do estudo/debate/pesquisa.

A Geografia que o aluno estuda deve permitir que o aluno se perceba como participante do espaço que estuda (...) O aluno deve estar dentro daquilo que está estudando e não fora, deslocado e ausente daquele espaço, como é a Geografia que ainda é muito ensinada na escola: uma Geografia que trata o homem como um fato a mais na paisagem, e não como um ser social e histórico. (CALLAI, 2001, p. 58).

Sendo assim, os debates proporcionaram aos alunos uma liberdade intelectual, despertando, nos mesmos uma construções de opiniões/ideologias a partir das discussões levantadas em sala de aula para que eles possam acrescentar positivamente ao mundo em que vivem, construindo assim uma sociedade mais justa.

Nesta etapa, além dos debates, trouxemos para os alunos a apresentação do filme “O Sorriso de Mona Lisa” que apresenta os costumes e vivências das mulheres no início da década de 1950, onde conta a história de uma professora de arte que enfrenta uma escola feminina, tradicionalista onde as melhores e mais brilhantes jovens mulheres recebem uma educação de qualidade, no entanto percebemos no filme que a escola em vez de formar mulheres pensadoras/críticas atuantes em busca de novos patamares, focada em buscar uma melhor qualificação para o mercado de trabalho, são formadas para se transformarem em cultas esposas e responsáveis mães. Nessa perspectiva a professora irá tentar abrir a mente de suas alunas para um pensamento liberal, enfrentando a administração da escola, fazendo com que suas alunas assumam sua identidade cultural como ser social e histórico.

A apresentação do filme possibilitou a participação dos alunos nas discussões sobre a ideia do machismo, gerando uma reflexão acerca da resistência da mulher em evoluir e romper barreiras, diante do panorama de desigualdade de gêneros, criando oportunidade de uma aprendizagem dinâmica, utilizando o uso efetivo de recursos tecnológicos.

A linguagem do cinema é uma produção cultural que pode ser utilizada em sala de aula a fim de abrir cada vez: mais horizontes intelectuais para a análise do mundo, necessária à formação da criança e do jovem. Para tanto, os professores precisam conhecer minimamente essa linguagem, que é muito rica porque integra imagens em movimento: a expressão oral e corporal, a cor, e tudo temperado pelas trilhas musicais (PONTUSCHKA, 2009, p. 279).

Deste modo, a utilização desse filme foi de extrema importância, pois possibilitou aos alunos um melhor aprendizado a respeito da temática podendo fazer uma comparação sobre a vida das mulheres na década de 1930 e os dias atuais.

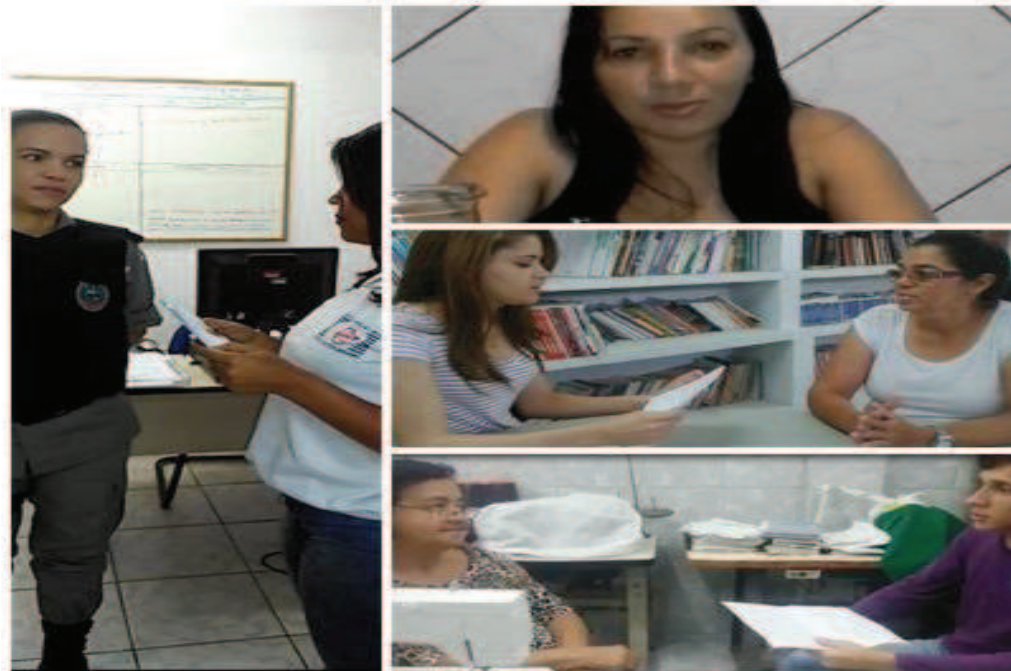
Após a reprodução do filme buscou-se promover de forma dinâmica, pontual e dialética uma oficina de produção de vídeos, onde os alunos ficaram encarregados de produzir vídeos objetivando entrevistar mulheres/profissionais que se destacaram na cidade de Campina Grande, procurando conhecer suas lutas, dificuldades, desafios, sendo essas mulheres símbolo de conquista e perseverança em suas áreas de atuação profissionais, as entrevistas foram realizadas mediante a utilização do celular como um recurso didático/metodológico para as gravações das entrevistas.

A elaboração de vídeos como experiências didáticas na prática de ensino estimulou a criatividade dos alunos, promovendo uma maior aprendizagem do que foi trabalhado em sala de aula.

O uso dos recursos midiáticos, em especial o vídeo, inegavelmente, possibilita o despertar da criatividade à medida que, estimula a construção de aprendizados múltiplos, em consonância com a exploração da sensibilidade e das emoções dos alunos. (SILVA E OLIVEIRA, 2010, P. 1).

Deste modo, após a produção de vídeos, os alunos fizeram a apresentação do que foi produzido, fazendo uma interligação do que foi apresentando durante a aplicação do Projeto, relatando suas experiências que obtiveram no decorrer das entrevistas, além de descreverem a importância de ter trabalhado essa temática em sala de aula e a importância que esse Projeto teve em sua formação enquanto cidadãos. A Figura 6 apresenta algumas imagens das mulheres entrevistadas na realização do Projeto.

Figura 6 - Imagens das entrevistadas para a produção da oficina de vídeos.



Fonte: Miranda, G, A, B, 2015.

Por fim, para conclusão do projeto foi realizado a culminância juntamente com os alunos, o corpo docente da escola, e com a presença de algumas entrevistadas. Neste momento, foi apresentado todos os materiais produzidos durante a aplicação do Projeto, além de falar da importância de discutir a transversalidade entre Gênero Mulher e ensino de Geografia em sala de aula.

Na culminância (Figura 7), fornecemos aos alunos e convidados um espaço de reflexão e debate onde poderiam relatar a importância desse projeto em sala de aula, reconhecendo a importância da figura feminina na sociedade. Homenageamos as entrevistadas e agradecemos pelo apoio e por dividir conosco suas histórias, trajetória de lutas e preconceitos, reconhecendo a importância dessas mulheres para a sociedade de modo geral.

Figura 7 - Imagens da culminância do projeto.



Fonte: Miranda, G, A, B, 2015.

A experiência obtida através desse projeto possibilitou aos alunos um melhor aprendizado e compreensão a respeito da inserção da mulher no mundo do trabalho, ressaltando a importância da mulher e suas trajetórias na sociedade, mostrando a interdisciplinaridade em espaço geográfico e temas transversais, e o quanto a suas discussões são de extrema importância no mundo contemporâneo complexo e desigual, contribuindo, assim, para a formação crítico-social do alunado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir a transversalidade entre o Gênero mulher e o ensino de Geografia, foi extremamente importante e positivo, pois mostramos aos alunos que o papel da Geografia vai bem mais além de mapas, nomenclaturas e relevo, que a Geografia contribui no mundo mais justo e igual, construindo junto com os alunos, cidadãos sociais conscientes de seu papel para a igualdade de gênero.

Esse projeto foi fundamental, inovador e transdisciplinar, pois além de mostrar este lado da Geografia, também promoveu a interação entre a turma do projeto, o corpo docente escolar e a comunidade local, estimulando a discussão sobre gênero, machismo, cultura, educação, entre outras, envolvendo a mulher não só como vítima, mas como protagonista em sua luta pelo reconhecimento sociocultural, além promover o empoderamento das alunas.

Desta forma, a questão do gênero é um fenômeno muito abrangente, e trazer essa discussão para o ensino de Geografia não foi algo fácil, porém, mesmo com as dificuldades enfrentadas, foi muito gratificante, como podemos identificar nos alunos o entusiasmo durante o desenvolvimento do projeto, sem falar que essa discussão é algo necessário. Diante de um cenário machista, devemos buscar combater os focos de preconceitos e violência contra a mulher.

Sendo assim, espero que este trabalho colabore com pesquisas futuras no âmbito do ensino de Geografia, fazendo-se necessário que a escola esteja envolvida nessa luta, divulgando leis, buscando contato com entidades de apoio à mulher, quer seja elaborando eventos e projetos que incentivem essa conscientização, quer seja fornecendo auxílio aos professores para que insiram a discussão de gênero em suas aulas.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Porto Alegre: L & PM, 2000.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos: Apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3).

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. Ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

BRASÍLIA: Conselho Nacional de Educação: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão**. (org.) Alvarenga, C.B e Medeiros. S. 2013.

CALLAI, H. C. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANI, A. C. et al. (Orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

GOMES, A. F. **O outro no trabalho: mulher e gestão**. [2005]. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rege/article/view/36522/39243> Acesso em: 22 Maio 2015.

GARCIA, M. F. **A luta pela terra sob enfoque de gênero: os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema**. Presidente Prudente, 2004.

HEILBORN, M.; CARRARA, S. (Coord.). **Gênero e diversidade na escola: formação de professores em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações Étnico-Raciais**. Caderno de atividades. Rio de Janeiro: CESPEC, 2009.

KANAN, L. A. **Poder e liderança de mulheres nas organizações de trabalho**. 2010. **O&s-Salvador**, v.17 - n.53, p. 243-257 - Abril/Junho - 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?Pid=S1984-92302010000200001&script=sci_arttext. Acesso em: 22 Maio 2015.

PASSINI, E. Y. **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. Ed. Contexto, 2007.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. L. CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

PESSOA, R. B. **Um olhar sobre a trajetória da Geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a Geografia atual**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2007.

SILVA, R. V.; OLIVEIRA, E. M. **As possibilidades do uso do vídeo como recurso de aprendizagem em salas de aula do 5º ano**. [2010] Disponível em: http://www.pucrs.br/famat/viali/tic_literatura/artigos/videos/Pereira_Oliveira.pdf. Acesso em 30/04/2016.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In CARLOS, A. F. A. (org.). **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

VESENTINI, J. W. **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Ed. Papirus, 2004.

APÊNDICE

APÊNDICE A

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA – PIBID – SUBPROJETO DE GEOGRAFIA ENTREVISTA APLICADA NA TURMA PARTICIPANTE (3ª ANO)

PERGUNTAS

01. Qual a sua opinião a respeito da disciplina de Geografia?
02. Em sua opinião, qual é o papel que a Geografia desempenha na escola, sobretudo no nível médio?
03. Você consegue perceber se existe aproximação entre os objetivos do ensino de Geografia e a forma como a disciplina é trabalhada na sua escola? Explique.
04. Relate um pouco de sua experiência ao estudar Geografia nos níveis fundamental e médio, ou seja, sobre as metodologias e recursos didáticos utilizados pelos professores, sobre os processos de avaliação escolar, etc.
05. De que modo a Geografia se faz presente no seu dia-dia?
06. Você sente alguma dificuldade em estudar Geografia? Explique.
07. Apresente algumas sugestões para as aulas de Geografia na sua escola.